

PROJETO ENSINAR COM PESQUISA 2010

O uso do cinema no ensino de graduação: a representação do passado em filmes documentais e ficcionais

Bolsista: Alexsandro de Sousa e Silva

Filme: *Independência ou morte* (1972), de Carlos Coimbra

Resumo geral

A trama procura mostrar, seguindo a História oficial, a vida de D. Pedro I no Brasil, da infância à ida para Portugal. O jovem chega em território brasileiro junto com a Família Real em 1808 no contexto das Invasões Napoleônicas, e tem uma educação diferente de seu irmão Miguel, que foi palaciana, e cresce junto à criados e boêmios sob pressão da mãe Carlota Joaquina. Esta convence o esposo D. João a arranjar um casamento para tirar D. Pedro da vida boêmia e fazê-lo integrar à vida na corte.

Casado com a arquiduquesa da Áustria, Leopoldina, o protagonista é envolvido nas questões políticas brasileiras, e nomeado príncipe regente por D. João que retorna com a Família Real portuguesa para o país natal. D. Pedro trava uma batalha particular com os maçons influenciado por José Bonifácio, que trabalha ao lado do príncipe como ministro. Bonifácio e a Imperatriz Leopoldina desejam o rompimento dos laços políticos com Portugal, mas o príncipe reluta em tal decisão. O clímax do filme vem com o chamado “Grito da Independência”, que seria uma resposta de D. Pedro diante as imposições das Cortes de Lisboa; nesta parte do filme há uma reconstituição do quadro de Pedro Américo de 1888 cujo nome dá o título da obra fílmica.

D. Pedro envolve-se com Dormitília de Castro, tornada posteriormente marquesa de Santos, e que influencia na vida conjugal e política do protagonista. Este torna-se mais autoritário, fecha a Assembleia Constituinte e prende seus membros, além de prender também a José Bonifácio, o qual havia pedido demissão após desaprovar os abusos políticos de D. Pedro. Com a morte da Imperatriz Leopoldina, Dormitília vê a possibilidade de ocupar seu lugar; mas o imperador opta em manter a tradição real e se casar com uma princesa europeia, Amélia. Intimado pelos protestos do povo e das tropas, D. Pedro deixa seu filho sob os cuidados de José Bonifácio, recém liberto pelo imperador, e parte para a Europa em 1831.

Personagens:

D. Pedro: autoritário, mulherengo, contraditório e temperamental, o personagem é mostrado de forma a que o espectador tenha uma simpatia por ele. Algumas justificativas para seu comportamento se encontram na segunda sequência do filme, quando se contextualiza a fuga da Família Real ao Brasil: “O seu testemunho [das invasões napoleônicas], somado à carência de educação palaciana, por certo, marcaram o seu temperamento de homem de reações imprevisíveis”. Sobre sua infância, a mãe diz que D. Pedro foi “criado como porco” por conviver com os criados. Quando adulto, Carlota Joaquina volta a interferir na vida do príncipe, ajustando um casamento para ajustar o rapaz à vida na corte, ao invés dele continuar bebendo e namorando em tabernas. Dessa forma, o protagonista se insere nos eventos políticos a contragosto, pois, mesmo casado, não interrompe a vida boêmia. Mesmo com todos os “defeitos”, D. Pedro aparece como alguém que busca tomar as atitudes com o apoio do “povo”, sendo aclamado quando jura

a Constituição e no “Dia do Fico”. Quando se envolve com Dormitília de Castro, começa a se tornar cada vez mais autoritário e contraditório, não seguindo mais os conselhos de J. Bonifácio, prendendo políticos e demitindo ministros. Após a morte de Leopoldina, o imperador busca o apoio da população mas já não o tem. Uma fala da última conversa do filme entre Bonifácio e um político resume bem o que é o personagem; este afirma: “Curiosa figura de D. Pedro I. Cheia de contradições: um liberal que se tornou absolutista; um dinasta que renunciou a dois tronos; um pai amoroso; um marido infiel”; José Bonifácio responde, expondo a visão no filme sobre o protagonista: “Se pesarmos, o fiel da balança penderá a favor de D. Pedro I. Ele nos garantiu a consolidação deste vasto império. Impediu a volta do Brasil à condição de colônia de Portugal. E, acima de tudo, deu-nos a independência.”.

D. João: gordo, de baixa estatura e comilão, vive sob pressão de Carlota Joaquina, a qual impulsiona as ações do personagem frente aos assuntos familiares (casamento de D. Pedro) e políticos (volta à Portugal). Sua fala é ridicularizada pela esposa. D. João vive isolado no palácio real e se isola da população, temendo-a quando se encontra frente a ela.

Carlota Joaquina: antipática, altiva, palaciana, demonstra repúdio à vida no Brasil e somente reclama o retorno à Portugal. Pressiona D. João e ironiza D. Pedro por seu apego à vida boêmia junto aos populares. A personagem é mostrada de forma a passar uma imagem negativa ao espectador, especificamente brasileiro, pois pragueja o tempo todo por estar no país, de modo como se estivesse ofendendo-o diretamente.

Maria Leopoldina de Áustria: serena, mostra-se apaixonada e fiel a D. Pedro apesar do adultério cometido pelo esposo. Preocupada com os rumos políticos do Brasil, é favorável à independência desde o início do filme, aliando-se a José Bonifácio por estas posições políticas. Quando Dormitília passa a viver na corte, exige uma atitude de D. Pedro, que não admite questionamentos. A morte da imperatriz causa comoção nacional e é um dos motivos, segundo o filme, para que D. Pedro abdicasse do trono, pois a população passou a repudiar o imperador por causa de suas aventuras românticas.

Padre Januário Barbosa: zela pela educação palaciana de D. Pedro que vivia ao lado dos criados; quando o futuro imperador cresce, o padre alerta-o sobre os rumos políticos do Brasil e as ações dos maçons. Representa a Igreja Católica, que esteve ao lado do império nas questões políticas nacionais.

Maçons: são apresentados como obscurantistas, com toda a simbologia que parece remeter a pessoas potencialmente maldosas. São favoráveis a D. Pedro, e conseguem iniciá-lo na maçonaria, para desgosto do inimigo pessoal dos maçons, José Bonifácio. As ações desses personagens visam tirar o ministro do poder; são presos por D. Pedro mas libertos por ele a pedido de Dormitília de Castro, que também coloca-se como opositora de Bonifácio. Essas figuras mostram o lado sedicioso dos políticos brasileiros que fazem da arena política um jogo de interesses de classe.

Dormitília de Castro/Marquesa de Santos: ambiciosa, apoiada por Gomes, vulgo Chalaça, que deseja uma rápida ascensão social na corte, a fim de ocupar o lugar da imperatriz Leopoldina, porém é rejeitada na corte pelos membros mais próximos da esposa de D. Pedro. Seduz o imperador para prevalecer seus interesses; o exemplo mais visível é o jogo que faz para que o amante derrube José Bonifácio, seu rival político. Isolada no palácio real, Dormitília sonha em sentar o trono após a morte da imperatriz porém é expulsa da corte por D. Pedro, dando fim às suas intenções. Dormitília seria um perigo para os rumos políticos, percebido pelo imperador, que foi “justamente eliminada” na narrativa, impressão causada pela forma em que a personagem é apresentada ao espectador.

José Bonifácio: desde a princípio é enérgico contra as imposições vindas de Lisboa, e se mostra favorável à independência do Brasil, conquistando o respeito da imperatriz Leopoldina e o apoio de D. Pedro, este convidando o personagem a se tornar ministro. Tem como principais inimigos os maçons e Dormitília de Castro, que se aproximaram de D. Pedro para desgosto de Bonifácio. Sereno, incorruptível em suas posições políticas, pede demissão a D. Pedro quando este se mostra autoritário e abusa do poder político influenciado por Dormitília de Castro. É preso por D. Pedro porém liberto para ser responsável pela educação de D. Pedro II, mostrando-se fiel ao imperador quando este se propõe a bem conduzir o Brasil.

Tropa: por algumas vezes mostram-se contrários ao governo imperial, falando pelo povo quando se reivindica uma nova Constituição, numa posição de apoio e oposição política que desgastam a relação com D. Pedro.

Políticos: cautelosos com as reações imprevisíveis do imperador, não constituem uma força que pudesse fazer oposição ao governo imperial, pois são “pacificados” em São Paulo e Vila Rica, por exemplo, e são presos no fechamento da Assembleia Constituinte por D. Pedro. O único que consegue fazer com que D. Pedro tenha uma certa vergonha dos abusos que comete é José Bonifácio, que também é preso.

Povo: manifesta abertamente o apoio ou o repúdio a D. Pedro, sendo a taberna e a praça pública os principais espaços dessas demonstrações que marcam a ambígua relação com o imperador.

Cortes de Lisboa: apesar de não serem mostradas imagens fora do Brasil, com exceção de breves imagens que remetem às guerras napoleônicas, ressaltando o aspecto nacionalista da obra, as Cortes são constantemente referenciadas na obra por representarem um perigo para o Brasil de retornar à condição de colônia portuguesa, causando uma furiosa reação por parte dos maçons, de José Bonifácio, de políticos mineiros e paulistas, da imperatriz Leopoldina e de D. Pedro. Essas Cortes têm um peso sobre os acontecimentos narrados; o que nos faz considerá-las uma personagem do filme.

Documentos, fatos ou frases históricas:

00:00:32 – “7 de Abril de 1831”: primórdios da abdicação de D. Pedro I.

00:03 – Legendas contextualizam a chegada da Família Real portuguesa ao Brasil:

“No início do Século XIX, toda a Europa estava conturbada pela explosão do gênio guerreiro de NAPOLEÃO BONAPARTE.

D. João VI, príncipe Regente de Portugal, aliou-se com a Inglaterra, o que provocou a invasão de sua pátria pelas tropas de NAPOLEÃO.

A retirada forçada da Côrte Portuguesa para o Brasil, em 1807, assumiu pela decisão de última hora, a dramaticidade de uma fuga

[Muda-se o plano:] D. Pedro I tinha então 9 anos.

O seu testemunho de tão tumultuados acontecimentos, somado à carência de educação palaciana, por certo, marcaram o seu temperamento de homem de reações imprevisíveis.

Daí, a aceleração do processo de Independência do Brasil, que teve suas raízes na Inconfidência Mineira”.

00:07 – “5 de Novembro de 1817”: casamento de D. Pedro e Maria Leopoldina.

00:14 – “26 de Fevereiro de 1821”: D. Pedro faz o juramento da Constituição.

00:17 – D. Pedro nomeado príncipe regente em solenidade na qual há uma leitura em voz alta de documento onde se lê a data: 22.04.1821.

00:25 – D. Pedro manda publicar decreto informando sobre as imposições vindas das Cortes de Lisboa; o documento causa uma manifestação na população e entre os políticos que D. Pedro usará como uma ferramenta política para conseguir força política.

00:29 – Leitura de documento que as Juntas Governativas pedem uma posição de D. Pedro sobre sua permanência no Brasil; este diz que fica. É a representação do “Dia do Fico”, aparecendo a legenda “9 de Janeiro de 1822” após a fala de D. Pedro.

00:32 – D. Pedro expulsa tropas portuguesas do território brasileiro.

00:33 – “25 de Março de 1822”: D. Pedro e uma tropa vai a Vila Rica/MG para “pacificar” rebeldes de Vila Rica.

00:35 – “13 de Maio de 1822”: D. Pedro recebe título de “Defensor Perpétuo do Brasil” das mãos dos maçons.

00:39 – “29 de Agosto de 1822”: D. Pedro conhece Dormitília de Castro a caminho de São Paulo, para “pacificar” rebeldes que expulsaram parentes de José Bonifácio da Junta Governativa de São Paulo.

00:46 – “7 de Setembro de 1822”: declaração de independência do Brasil, representada de tal modo a se assemelhar com o quadro de Pedro Américo, “Independência ou morte” de 1888.

00:49 – “1 de Dezembro de 1822”: coroação do imperador, buscando uma semelhança com o quadro de Jean-Baptiste Debret “Coroação de D. Pedro I”, de 1828.

00:59 – Demissão de José Bonifácio, indignado com D. Pedro I.

01:02 – Prisão de políticos no fechamento da Assembleia Constituinte e de José Bonifácio, “12 de Novembro de 1823”.

01:08 – Gomes lê documento em que dá título de marquesa a Dormitília de Castro.

01:27 – “Dezembro de 1826”: D. Pedro I na Guerra Cisplatina e a morte da imperatriz Leopoldina no Rio de Janeiro.

01:31 – D. Pedro recebe documento que informa o falecimento da esposa.

01:32 – “15 de Janeiro de 1827”: Marquês de Paranaguá lê decreto de D. Pedro em que é demitido junto a outros ministros.

01:42 – Abdicação de D. Pedro I em favor de seu filho, D., Pedro II, sendo confiada sua educação a José Bonifácio.

Observações:

A narrativa do filme privilegia a princípio os aspectos políticos que culminaram na independência brasileiro; após o “Grito do Ipiranga”, a ênfase recai sobre a vida particular de D. Pedro, mas os dois temas se entrecruzam no filme. Enquanto se tratou das tensões políticas, passa-se a impressão de que D. Pedro buscava uma vida “normal” ao lado da amante porque os eventos tiravam o sossego do líder. O jogo político é mostrado como um campo de guerra onde todos, com a exceção de José Bonifácio, querem chegar ao poder por meios ilícitos. A trilha sonora acompanha os momentos românticos da vida de D. Pedro I, como as canções “Meu único amor” (tema de Dormitília) e “Se eu te amasse...” (tema de Leopoldina), de Wilson Miranda e Chico Moraes, e os momentos épicos, como na reprodução da participação do imperador na Guerra Cisplatina em que se ouve o “Hino da Independência”, de Evaristo de Verga e D. Pedro.

Há constantes referências a documentos oficiais, com suas leituras para que o espectador saiba o que está escrito neles, bem como há reproduções imagéticas que estão em torno do imaginário sobre o processo de independência do Brasil, com a reprodução fílmica dos conhecidos quadros de Pedro Américo e Jean-Baptiste Debret. Por conta

dessas referências, é evidente no filme um forte apelo nacionalista. O filme opta por seguir uma versão oficial dos acontecimentos, e, apesar de não receber apoio estatal, está alinhado ao regime militar quando se expõe a história do líder da independência, que é autoritário e contraditório porém defende com todas as forças o território nacional, além de estar à frente da independência.

Quase todo o enredo é um *flashback* em que se busca explicar ao espectador o motivo da tensão mostrada na primeira sequência, quando D. Pedro está prestes a abdicar o trono em nome do filho. O filme volta a esse contexto na sequência 45, quando o imperador expõe sua decisão aos membros da corte e à esposa Amélia. As sequências são ligadas de modo a dar maior fluidez à narrativa. Quando, por exemplo, nos planos paralelos da sequência 07, D. João está comendo tranquilamente enquanto membros da corte o avisam das agitações sociais causadas por uma sublevação da tropa e do povo. Carlota Joaquina aparece praguejando a situação, e diz que odeia esta terra, no caso, Brasil, e, logo em seguida, aparece um plano da taberna onde bailarinas dançam para os clientes, D. Pedro entre eles. Em outro momento, no final da sequência 31, José Bonifácio, preso, diz que infelizmente D. Pedro optou pelo caminho do absolutismo, e que isso seria o início de sua decadência e, imediatamente à fala, aparece D. Pedro no início da sequência 32 se divertindo com Dormitília de Castro, com quem teria uma difícil convivência na corte. Ou seja, o final de um plano se liga com o próximo como se mostrasse ou um resultado do que se fala anteriormente ou como uma confirmação do que se havia afirmado na sequência precedente, seguindo os padrões do cinema clássico. A maioria das sequências são curtas e muito entrecortadas por diversos planos.

A câmera é dinâmica, com vários focos nos retratos das personagens, tal como nas novelas televisivas, para que o espectador não tenha dúvidas sobre quem diz as falas e quais são suas expressões faciais diante o que se fala ou se ouve. É significativo que os atores convidados a realizarem os papéis de D. Pedro e Dormitília de Castro são atores conhecidos do público por causa dos trabalhos de Tarcísio Meira e Glória Menezes no teatro, televisão e outras obras cinematográficas. Há um esforço em se vestir as personagens tais como se apresentam nas obras artísticas do século XIX, principalmente quando se reproduz os quadros de Pedro Américo e de Jean-Baptiste Debret.

Sugestões para sala de aula:

A sequência 02 apresenta um argumento sobre D. Pedro que parece-nos essencial para compreender, dentro da lógica narrativa do filme, as atitudes temperamentais do protagonista. Ao final da primeira sequência, há um fechamento para o rosto de D. Pedro, e a câmera perde totalmente o foco, quando aparecem letreiros fazendo uma contextualização histórica do filme, surgindo sons de tiros de canhão acompanhados de um tom musical que passam uma tensão ao espectador, e aparecem imagens de uma suposta guerra, a qual os letreiros confirmam pela contextualização: tratar-se-ia das guerras napoleônicas. As imagens de guerra são mostradas de forma caótica, recortada em diversos planos, e remetem a uma desordem causada “pelo gênio guerreiro de NAPOLEÃO BONAPARTE” na Europa. Um mapa do continente europeu aparece nos primeiros planos sobreposto às imagens de guerra, de modo quase sutil, de modo a se aproximar da região entre a França e Portugal, e logo desaparece. Acompanhando a leitura dos letreiros que fazem a contextualização das guerras napoleônicas, quando lemos pela segunda vez o nome “BONAPARTE”, surge uma imagem sobreposta às imagens de guerra de Napoleão tal como retratado no quadro de Jacques-Louis David., como se fosse

um fantasma, numa imagem que privilegia seu rosto, e outro mais afastado quando vemos o general a cavalo. Ao final desta aparição de Napoleão Bonaparte, quando aparece novos letreiros que falam de D. Pedro I, aparece outro quadro, não-identificado, na qual Napoleão conduz um exército para direita da imagem, ainda sobreposto às imagens de guerra. Em seguida, segue-se um plano onde D. Pedro, criança, acompanhado de outros menores, simula uma guerra de espadas com estes, todos mal-vestidos, aparentando serem filhos de criados do palácio, o que causa repugnância em Carlota Joaquina. Ou seja, três detalhes, que se complementam, vão interferir na vida do futuro imperador: o fato de testemunhar “tão tumultuados acontecimentos” na Europa, o gosto de viver entre os mais pobres, conforme a brincadeira de espadas com os menores negros, e a “carência de educação palaciana”, conforme os letreiros; são as justificativas que o filme apresenta para o difícil comportamento e temperamento que D. Pedro apresenta na obra. O interessante aqui é acompanhar como esta narrativa elabora sua argumentação que faz com que o espectador já saiba que o protagonista tenha “defeitos”, que serão “perdoados” por José Bonifácio na penúltima sequência.

A sequência 26 mostra a considerada épica declaração de independência por D. Pedro I. A data da legenda e o som de corneta logo acompanhado de uma orquestra não deixa o espectador se enganar em relação ao momento histórico evocado: “7 de Setembro de 1822”. Um mensageiro corre com seu cavalo para entregar as correspondências de Leopoldina e de José Bonifácio a D. Pedro, para que este saiba das novas imposições das Cortes de Lisboa em relação a sua ida à Portugal e a submissão do Brasil ao reino português. Em planos paralelos, mostra-se o descanso no Ipiranga das tropas na companhia do príncipe que voltava de São Paulo e a corrida do mensageiro. A trilha faz uma preparação para o clímax do filme, enquanto D. Pedro lê a carta de Bonifácio, o qual aparece em um *flashback*, e, indignado com os portugueses, esbraveja com a tropa anunciando sua decisão. Propõe-se aqui verificar como o diretor fez a transposição dos quadros de Pedro Américo (*Independência ou morte*) para as telas de cinema, tentando passar uma certa carga emotiva cujo ápice se dá com um grito que, ao olharmos o quadro, apenas imaginamos como poderia ter sido. A imaginação se converte em imagens e sons que procuram seguir às riscas a tradição oficial imagética sobre este momento histórico. O mesmo pode-se dizer para a transposição para o cinema da cerimônia de coroação de D. Pedro I, seguindo como modelo a obra de Jean-Baptiste Debret (*Coroação de D. Pedro I*), com o esforço de reprodução da imagem somada ao som sacro de fundo que encerra a sequência da consagração da independência brasileira sob o olhar na história oficial.

Sequências:

01. D. Pedro, sob tensão, é pressionado a voltar a Portugal.
02. O pequeno príncipe herdeiro é reprimido por padre por brincar com criados.
03. D. Pedro mostrado da infância para a fase adulta.
04. D. João, pressionado por Carlota Joaquina, anuncia casamento de D. Pedro.
05. Casamento do príncipe com a arquiduquesa Leopoldina.
06. Leopoldina e Pe. Januário Barbosa dizem ao príncipe para se preocupar com assuntos políticos do Brasil.
07. O protagonista se diverte na taberna mas é chamado a conter revolta.
08. D. Pedro diz ao povo que dará uma Constituição, e é aclamado.
09. Nomeação de D. Pedro como príncipe regente por D. João VI, que anuncia volta à Portugal.

10. D. Pedro furioso por saber, pelos ingleses e não pela sua corte, que D. João chegou a Portugal.
11. Maçons mostram repúdio às ordens vindas das Cortes de Lisboa.
12. D. Pedro indignado com as exigências de Lisboa e percebe que tem o apoio do povo.
13. D. Pedro, em uma jogada política, anuncia a seus ministros que está disposto a ir para Portugal.
14. Após as manifestações de apoio para que D. Pedro fique no Brasil, este anuncia que fica no país, sob aclamação popular.
15. O príncipe regente e José Bonifácio acertam a elaboração de uma Constituição própria para o Brasil.
16. D. Pedro expulsa tropas portuguesas do território brasileiro.
17. Enquanto D. Pedro “pacifica” rebeldes de Vila Rica, em MG, José Bonifácio e a imperatriz Leopoldina sobre os últimos eventos políticos.
18. Maçons tramam saída de José Bonifácio de seu cargo de ministro.
19. D. Pedro recebe título de “Defensor Perpétuo do Brasil” dos maçons e faz iniciação na maçonaria como grão-mestre maçom.
20. D. Pedro anuncia a J. Bonifácio a ida à São Paulo para “pacificar” revoltosos na Junta Governativa da província.
21. Tropa acompanha ida de D. Pedro à São Paulo.
22. O príncipe regente conhece Dormitília de Castro e se enamoram.
23. D. Pedro, em solenidade em São Paulo, decreta prisão de maçons.
24. Romance de D. Pedro e Dormitília de Castro.
25. Imperatriz Leopoldina e J. Bonifácio esboçam a independência do Brasil após as últimas exigências vindas de Lisboa.
26. A declaração de independência por D. Pedro e tropas, seguido da coroação do protagonista como Imperador.
27. José Bonifácio repreende Gomes por encobrir romance do imperador e a amante.
28. O ministro e o imperador se desentendem por causa de atraso deste em agenda política.
29. Dormitília pede que D. Pedro contrarie J. Bonifácio e solte os maçons presos.
30. José Bonifácio pede demissão ao imperador diante o abuso de poder de D. Pedro.
31. Fechamento da Assembleia Constituinte e prisão dos deputados e de José Bonifácio.
32. Dormitília anuncia sua gravidez a D. Pedro e este diz que ela terá título de marquesa.
33. Populares se divertem com aventuras românticas do imperador.
34. Durante missa, mulheres da corte saem da Igreja enquanto Dormitília entra.
35. Imperatriz concede título de marquesa para Dormitília.
36. Imperatriz discute com D. Pedro sobre permanência da marquesa e de seus filhos na corte.
37. D. Pedro comparece em baile oferecido por Dormitília para comemorar o título.
38. Nova discussão entre Leopoldina e D. Pedro, interrompida com notícia sobre invasão em território brasileiro por “castelhanos”, o início da Guerra Cisplatina (1825-1828).
39. D. Pedro e uma tropa na guerra na Província Cisplatina.
40. Morte da imperatriz Leopoldina.
41. D. Pedro, no sul, é informado da morte da esposa.
42. D. Pedro demite ministros e diz à amante que não irá casar-se com ela.
43. População se revolta com a morte da imperatriz e as aventuras românticas de D. Pedro.
44. O imperador expulsa Dormitília da corte e anuncia casamento com Amélia.

45. Continuação da primeira sequência: o imperador abdica seu trono em favor do filho D. Pedro II.
46. José Bonifácio aceita convite de D. Pedro em educar o futuro imperador do Brasil.
47. D. Pedro se despede do filho e de Bonifácio enquanto parte para Portugal; reconstituição do “Grito do Ipiranga” enquanto aparecem os créditos finais.